

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA PRESENCIAL E A DISTÂNCIA: COMPARAÇÃO ENTRE OS DESEMPENHOS NO ENADE/2017

DEGREE IN FACE-TO-FACE AND DISTANCE PEDAGOGY: COMPARISON BETWEEN PERFORMANCES AT ENADE/2017

BRAIAN VELOSO

Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE-UFSCar). Também é doutorando, na mesma instituição, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFSCar). Recentemente, suas pesquisas versam sobre a Educação a Distância (EaD) e sobre o trabalho na contemporaneidade.

RESUMO

O objetivo deste artigo é comparar os resultados do conceito Enade/2017 dos cursos de licenciatura em Pedagogia nas modalidades presencial e a distância, levantando hipóteses que tangenciem possíveis causas subjacentes. Utilizamos as abordagens qualitativa e quantitativa num estudo de caráter exploratório. Lançamos mão dos dados disponibilizados pelo relatório do Enade/2017 juntamente com um questionário virtual respondido por alunos de cursos de Pedagogia a distância. Na pesquisa, identificamos que existe uma diferença, mesmo que não tão expressiva, nas notas entre os cursos presenciais e a distância. Constatamos que a faixa etária dos alunos da Educação a Distância (EaD) está acima dos 24 anos e que muitos deles são trabalhadores. Aliás, observamos que o smartphone é o dispositivo mais usado quando dos estudos a distância. Por fim, verificamos que a maior parte dos participantes da pesquisa gosta da EaD e não mudaria para a educação presencial. Como desdobramentos para estudos futuros, sugere-se investigações com maior abrangência e outras que possam levantar possíveis causas subjacentes para diferenças em resultados de avaliações como o Enade.

Palavras-chave: pedagogia; educação a distância; educação presencial; Enade.

ABSTRACT

The objective of this article is to compare the results of the Enade/2017 concept of the degree courses in Pedagogy in the face-to-face and distance modalities, raising hypotheses that consider possible related causes. We used qualitative and quantitative approaches in an exploratory study. We made use of the data provided by the Enade/2017 report together with a virtual questionnaire answered by students from distance education courses. In the research, we identified that there is a difference, even if not as expressive, in the grades between the face-to-face and distance courses. We found that the age group of Distance Education (DE) students is over 24 years old and that many of them are workers. Besides, we observe that the smartphone is preponderant when studying at a distance. Finally, we found that most research participants like DE and would not change to face-to-face education. As developments for future studies, more comprehensive investigations are suggested, as well as others that may raise possible underlying causes for differences in the results of assessments such as the Enade.

Keywords: pedagogy, distance education, face-to-face education,; Enade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 O EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES (ENADE); 2 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS; 3 INFORMAÇÕES DA AVALIAÇÃO OFICIAL DO INEP; 4 COMPARAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DO ENADE/2017 PARA A PEDAGOGIA PRESENCIAL E A DISTÂNCIA; 5 ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE ALUNOS DA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

Ao passo que a oferta de vagas no ensino superior cresce, aumentam também as preocupações atinentes à qualidade dos cursos oferecidos. Recentemente, com a expansão da Educação a Distância (EaD), sobretudo nas licenciaturas, torna-se, por vezes, incontornável o comparativo com a educação presencial. Isso se acentua na medida em que o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) começou a separar, desde 2015, as notas respectivas às duas modalidades. Embora tenhamos problematizado, noutros estudos, essa dicotomia que persiste entre EaD e educação presencial, entendemos que, partindo das condições materiais e concretas, as comparações e, por conseguinte, os embates se tornam, frequentemente, inevitáveis. Ainda persiste, na realidade brasileira, uma visão de certa forma antagonista, em que as modalidades tanto competem por recursos como por alunos. Esses atritos que são objetivamente observáveis são fomentados, além de outros aspectos, pela atual legislação vigente, o que inclui, é claro, os sistemas de avaliação.

Dito isso, o objetivo geral deste artigo é comparar os resultados do conceito Enade/2017 dos cursos de licenciatura em Pedagogia nas modalidades presencial e a distância, levantando hipóteses que tangenciem possíveis causas subjacentes. Para tanto, utilizamos os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Ademais, aplicamos um questionário virtual a alunos que cursam ou terminaram a licenciatura nos últimos 3 anos. Para estruturar a discussão, começamos com uma breve delimitação do Enade e de sua importância para a avaliação do ensino superior. Em seguida, descrevemos a metodologia e os procedimentos metodológicos. Posteriormente, discutimos os dados do Questionário do Estudante divulgados pelo Inep. Analisamos, ainda, o desempenho das Pedagogias presenciais e a distância no Enade para, depois disso, analisarmos os resultados dos questionários virtuais. Por fim, apresentamos as considerações finais.

1 O EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES (ENADE)

De acordo com Griboski (2012), com a implementação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), o Enade passou a substituir o Exame Nacional de Cursos (ENC), conhecido como Provão e vigente no período de 1996 a 2003. O ENC era destinado exclusivamente

aos estudantes concluintes a fim de avaliar seus respectivos cursos de graduação. Conforme Griboski (2012, p. 180):

[...] A partir da implantação do Sinaes, em 2004, o objetivo do Enade é ampliado e passa a integrar a avaliação de cursos e instituições e a expressar o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes ingressantes e concluintes dos cursos de graduação, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos ofertados.

Ainda para Griboski (2012), o Enade possibilita aos docentes, gestores e comunidade acadêmica a promoção de ações que visem à melhoria da qualidade dos cursos de graduação mediante dados extraídos por instituição e disponibilizados de acordo com categoria administrativa, organização acadêmica, estado, município e região. Conforme Bielschowsky (2017), a partir de 2015 o Inep passou a disponibilizar os dados do exame dos estudantes dividindo-os entre cursos presenciais e a distância. “Como determinado curso é avaliado apenas a cada três anos, só em 2017 completou-se um primeiro ciclo com resultados de todos os cursos separando os resultados da EaD daqueles dos cursos presenciais” (BIELSCHOWSKY, 2017, p. 5).

O Enade é um dos importantes instrumentos de avaliação do ensino superior que, além de servir à regulação e ao (re)cadastro das instituições e cursos, possibilita ações, pelas Instituições de Ensino Superior (IES), colimando identificar lacunas e pontos que precisam de melhorias nas propostas formativas. Esse exame é, atualmente, obrigatório aos alunos ingressantes e concluintes no ano de realização respectivo à área dos cursos em que estão matriculados. Considerando-se que o Enade é um importante – mas não exclusivo – instrumento de avaliação dos cursos e, aliás, do desempenho dos estudantes, coletamos os dados da edição de 2017, especificamente da graduação em Pedagogia. A escolha se justifica, porque, em 2018, pela primeira vez as licenciaturas na EaD superaram, em número de matrículas, a educação presencial. Dado o vertiginoso crescimento da oferta de formação de professores a distância, somando-se à separação que o Enade faz, desde 2015, entre as modalidades, procuramos fazer comparações e, em seguida, problematizá-las.

Como já dito anteriormente, não advogamos um recrudescimento da dicotomia entre EaD e educação presencial. Várias são as discussões que compreendem a convergência como um vislumbre para o desenvolvimento educacional nas próximas décadas. A imbricação, cada vez maior e mais generalizada, entre o virtual e o *off-line* evidencia a necessidade de se discutir o papel

da EaD e sua própria separação enquanto modalidade. Ora, queremos dizer que, ao estabelecer este estudo comparativo, não pretendemos contribuir para essa visão ainda dicotômica da realidade. Também não é de nosso interesse defender uma rivalidade entre cursos presenciais e a distância, como se devessem ser comparados a despeito de suas peculiaridades. Porém, sabe-se que as disputas entre EaD e educação presencial persistem na realidade brasileira e há, de fato, uma competição por recursos, matrículas, vagas etc. A legislação vigente e os instrumentos avaliativos não apenas endossam essas separações, como fomentam as análises comparativas.

2 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo desta pesquisa é comparar os resultados do conceito Enade/2017 dos cursos de licenciatura em Pedagogia nas modalidades presencial e a distância, levantando hipóteses que tangenciem possíveis causas subjacentes. O estudo tem caráter exploratório (LAKATOS; MARCONI, 2019), considerando-se que as discussões nesse campo são incipientes e se encontram, em muitos sentidos, obnubiladas. Logo, procuramos levantar hipóteses e sugerir problematizações que possam delinear o campo de pesquisa, contribuindo para investigações futuras. Quanto à abordagem, a apreciação dos dados foi qualitativa e quantitativa.

Em se tratando de procedimentos metodológicos, acessamos o portal do Inep com vistas a obter o conceito Enade/2017. Por meio da planilha disponibilizada, filtramos os resultados, no sentido de arrolar apenas os índices referentes especificamente à licenciatura em Pedagogia. Excluímos, da análise, as instituições cujos cursos estavam indicados como Sem Conceito (SC), porquanto não tiveram um número mínimo de estudantes quando da aplicação da prova. Na medida em que não realizamos distinção entre instituições de administração pública ou privada, obtivemos um total de 1.105 cursos presenciais e 96 cursos a distância avaliados. Com esses dados, inicialmente calculamos a média do conceito Enade de cada modalidade.

Ademais, separamos os dados de acordo com cada Unidade Federativa (UF), partindo-se da hipótese de que há dissonância em cada estado ou região do País. Calculamos, assim, a média do conceito Enade referente aos 26 estados e ao Distrito Federal. No que toca à modalidade a distância, não estavam presentes os dados das seguintes UF: Acre (AC), Amazonas (AM), Amapá (AP), Goiás (GO), e Pará (PA). Tais estados não tiveram cursos avaliados pelo Enade/2017 especificamente no curso de Pedagogia ofertado pela EaD. Depois disso, mediante os resultados

encontrados, calculamos a média ponderada de cada região do País, tendo, como peso para cada estado, a quantidade de cursos avaliados.

Com relação ao questionário virtual, foi elaborado um instrumento de coleta utilizando-se a ferramenta Google Formulários. As questões foram elaboradas com base nos objetivos da pesquisa e tendo, como principal referência, os dados presentes no relatório do Enade (INEP, 2017) referente ao curso de licenciatura em Pedagogia. As perguntas do questionário eram preponderantemente objetivas, com vistas a análises quantitativas. Porém, havia espaços tanto para complementar respostas como para, em alguns casos, discorrer sobre as indagações no sentido de propiciar, também, um levantamento de informações qualitativas.

Posteriormente à elaboração do instrumento de coleta, procuramos, na rede social Facebook, grupos cujos integrantes seriam potenciais respondentes para a pesquisa. Nessa rede social, depois de fazermos algumas postagens, conseguimos dados de acesso a grupos do WhatsApp voltado a estudantes de Pedagogia. Nestes, foi enviado o link para o questionário, sendo que alguns integrantes, além de participarem, compartilharam o instrumento de coleta com amigos e noutros grupos relacionados ao mesmo curso. Ao fim do processo, foram obtidas 52 respostas, dentre as quais 11 foram excluídas, porque o perfil dos respondentes não se enquadrava no escopo da investigação¹. Analisamos, então, respostas de 41 alunos.

3 INFORMAÇÕES DA AVALIAÇÃO OFICIAL DO INEP

Antes de seguirmos precisamente para a análise dos questionários, propomos uma discussão a partir dos dados coletados, pelo Inep, de 1.212 alunos dos cursos de Pedagogia (presenciais e a distância) que participaram do Questionário do Estudante que é obrigatório aos alunos inscritos no Enade. O Inep disponibiliza os resultados desse Questionário no relatório referente ao curso. As discussões que aqui empreendemos tiveram como base o documento de 2017 (INEP, 2017). Sendo assim, no caso da EaD, percebe-se uma predominância (21,1%) de uma faixa etária mais elevada (35 a 39 anos), o que condiz com o fato de esses alunos serem possivelmente trabalhadores que contribuem com parte da renda familiar, sendo esta, por isso mesmo, mais alta quando comparada à dos discentes dos cursos presenciais. Conforme Mill (2016), a EaD tem

¹ No início do questionário, os participantes deveriam responder se cursam ou cursaram a licenciatura em Pedagogia a distância nos últimos 3 anos. Os que não se enquadravam nesse perfil eram direcionados à finalização do questionário.

potencial de formação especialmente para parte desfavorecida da população que se encontra excluída da oferta de educação presencial. Para Neves (2016), a modalidade tem relação direta com a redução das desigualdades, democratizando o acesso ao conhecimento a aprendizes que, doutras formas, estariam isolados. Ao abarcar uma franja da classe trabalhadora que, possivelmente, não teve acesso à escolaridade no tempo considerado adequado na legislação brasileira, os cursos a distância tornam-se uma importante oportunidade de ingresso no ensino superior para pessoas que já se encontram inseridas no mercado de trabalho e, além disso, já têm família constituída.

Também identificamos, no relatório do Inep (2017), que o estrato de discentes que se enquadram entre aqueles com renda familiar inferior a 1,5 Salários Mínimos (SM) é maior entre os estudantes da Pedagogia presencial (38,1%) quando comparado ao dos alunos que estudam distância (28,9%). Pode-se conjecturar que esse resultado tenha alguma relação com o fato de os estudantes da EaD serem, por via de regra, mais velhos e trabalhadores. Isto é, a configuração da família desses discentes tende a ser diferente daquela dos alunos que ainda moram ou são sustentados por pais ou outros membros do núcleo familiar. No entanto, chama-nos a atenção o fato de a modalidade a distância também concentrar uma porcentagem maior de aprendizes em famílias com renda superior a 6 SM – 6,4% para a EaD e 4,3% para a educação presencial. Faltam-nos dados suficientes para qualquer tipo de análise fidedigna quanto a isso. Seja como for, essas informações ao menos problematizam a afirmação recorrente na literatura da área de que a EaD está intrinsecamente ligada às camadas menos abastadas e, se podemos deduzir disso, mais pauperizadas da sociedade.

Outro dado do relatório do Inep (2017) que merece destaque diz respeito à concentração de cursos na região Sudeste. Esta que possui o maior número de cursos de Pedagogia (presenciais e a distância) avaliados no Enade – um total de 556 cursos em ambas as modalidades e, mais especificamente, 47 cursos pela modalidade a distância. Sabe-se que a EaD, alicerçando-se, hodiernamente, no uso intenso de recursos tecnológicos, apresenta grande potencial para levar educação superior a regiões geográfica e economicamente desfavorecidas. Entretanto, se os dados nos mostram uma concentração de cursos no Sudeste, região em que ofertas de graduações pululam, questionamos em que medida a modalidade tem sido usada, no Brasil, como ferramenta para a democratização do acesso. Evidentemente, por serem dados de apenas um curso, além da ausência de outras informações mais aprofundadas, não há como chegarmos a conclusões mais acertada.

Contentamo-nos, porém, em trazer inquietações que sirvam de desdobramentos noutros estudos, haja vista o caráter exploratório deste artigo.

Neto e Borges (2020) afirmam que as políticas de incentivo à EaD no Brasil beneficiaram, em grande medida, o setor privado. Segundo esses autores, em 2018, de maneira inédita no País, as matrículas em cursos de formação de professores a distância superaram às de cursos presenciais, indicando uma migração da formação docente para a modalidade. Confrontando tais asserções com os dados disponibilizados pelo Inep (2017) temos, de um lado, um aumento exponencial da oferta na EaD, conquanto a quantidade de instituições avaliadas no Enade/2017 seja substancialmente menor nessa modalidade com relação à educação presencial. Verifica-se, nesse sentido, que, nos cursos a distância, poucas IES oferecem muitas vagas, dada a flexibilidade intrínseca à separação no tempo e/ou no espaço entre os sujeitos. Com os dados disponibilizados pelo Inep (2017) sobre a Pedagogia, observa-se que existe uma média aproximada de 36 alunos por instituição² na educação presencial enquanto na EaD a média aproximada é de 177 discentes por instituição. Deduz-se que há uma ampliação significativa das vagas na modalidade a distância, com ênfase nos cursos de formação de professores, ao passo que essa oferta está vinculada especialmente à iniciativa privada e se concentra em regiões, como a Sudeste, que já apresentam histórico de maior acesso ao nível superior. Também há uma maior concentração de vagas em uma mesma IES, com uma relação de alunos por instituição consideravelmente maior do que na educação presencial.

Tal como dissemos, as análises empreendidas não nos permitem chegar ao cerne das problemáticas levantadas. Mas acreditamos que esses números reacendem os debates sobre o uso da EaD enquanto modalidade voltada à democratização do acesso. Além do mais, consideramos que é fundamental trazer à baila a discussão sobre a separação entre cursos a distância e cursos presenciais como modalidades distintas, assim como analisam Neto e Borges (2020). Será mesmo que numa sociedade cada vez mais dependente das tecnologias digitais, em que o virtual e o *off-line* estão imbricados, essas dicotomias contribuem para se explorar o melhor da EaD e da educação presencial? A EaD, concebida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 como modalidade, ainda presta o seu papel de levar acesso às camadas que, por outras vias, estariam excluídas da educação formal? Os cursos a distância têm crescido com maior expressividade nas licenciaturas por qual motivo? Não nos arriscamos a responder essas

² A média foi calculada com base nos números de alunos que estavam matriculados e realizaram a prova do Enade, que é obrigatória.

indagações, posto que nosso intuito é, tão somente, apresentá-las à discussão. Pois bem, sigamos, na seção subsequente, a uma análise comparativa entre os resultados do Enade/2017 para as Pedagogias presencial e a distância.

4 COMPARAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DO ENADE/2017 PARA A PEDAGOGIA PRESENCIAL E A DISTÂNCIA

Ao calcularmos as médias do conceito Enade/2017 buscamos compará-las entre as modalidades, as distintas UF e as diferentes regiões do Brasil. Em primeiro lugar, procuramos identificar se existe, efetivamente, uma diferença que justifique outros aprofundamentos analíticos. Verificamos que há, realmente, uma disparidade entre as Pedagogias presenciais e a distância – embora não tão expressiva na maioria dos casos –, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Comparação entre as médias do conceito Enade nas diferentes UF (Pedagogia Presencial e a Distância)³

Unidade Federativa	Média do Enade Pedagogia Presencial	Média do Enade Pedagogia a Distância	Diferença entre as médias
AC	2,75	-	-
AL	2,29	1	1,29
AM	2,05	-	-
AP	2,67	-	-
BA	2,65	2,5	0,15
CE	3,15	2,5	0,65
DF	2,44	3,5	1,06
ES	3,3	2	1,3
GO	2,71	-	-
MA	2,88	2	0,88
MG	3,25	3,25	0
MS	3,3	1,75	1,55
MT	2,7	2	0,7
PA	2,71	-	-
PB	3,18	3	0,18
PE	2,6	3,33	0,73
PI	2,59	2	0,59
PR	3,29	2,7	0,59
RJ	3,4	3,43	0,03
RN	3,27	3	0,27
RO	2,59	2	0,59
RR	2,25	2	0,25
RS	3,62	3,2	0,42
SC	3,32	2,5	0,82
SE	2,45	2	0,45

³ Todos os valores desta e das outras tabelas foram arredondados para que tenham, no máximo, duas casas decimais.

SP	3,01	3,04	0,03
TO	2	2	0

Fonte: Autoria própria.

Os valores destacados e em negrito em cada uma das linhas dizem respeito à modalidade que atingiu maior média dentro da respectiva UF. Logo, somente no DF e nos estados de RJ, PE e SP a Pedagogia a distância obteve média superior na avaliação do Enade/2017. Os estados de MG e TO obtiveram, quando considerada a média com valor aproximado, um empate entre as modalidades. Indagamo-nos sobre a existência de causas empiricamente observáveis que subjazem a esse resultado, qual seja, uma nota mais alta na principal avaliação do ensino superior nas Pedagogias presenciais na grande maioria das UF. Para Belloni (2013), inexistem avaliações comparativas que possibilitem concluir que a qualidade da formação no curso presencial é superior à oferecida na EaD. Moore e Kearsley (2007), por sua vez, elencam uma série de estudos que invalidam o argumento de que a EaD, dadas as suas condições de organização do espaço e do tempo, incorre, por si mesma, em menor qualidade. Quer dizer, o fato de um curso a distância ser inferior ao presencial não está relacionado ao uso de tecnologias ou à disparidade espacial e temporal entre os sujeitos. Relaciona-se, a bem dizer, às intenções, à infraestrutura, à formação dos professores, aos ideais pedagógicos e a outros fatores que incidem sobre a qualidade do ensino-aprendizagem independentemente da modalidade em que acontece.

Não ignoramos, é claro, o potencial que a EaD possui para precarizar as condições de trabalho e, por extensão, a aprendizagem. Em todo caso, entendemos que o potencial de uma determinada ferramenta, tecnologia ou modalidade não se materializa sem a ação humana. É *a posteriori* que qualquer virtualidade, ou seja, condição de *vir a ser* pode, efetivamente, produzir seus efeitos. Noutros termos, o fato de ser a distância, como a literatura da área demonstra, não significa inexoravelmente que o curso terá menor qualidade. Hodiernamente, as possibilidades tecnológicas digitais já propiciam, para a EaD, um ensino-aprendizagem colaborativo, participativo, autônomo, dialógico e com outros tantos predicados que influem na qualidade do processo. Nosso argumento, portanto, considera a possibilidade de precarização, mas não atribui à modalidade uma espécie de pecha atrelada às suas características imanentes. Se há uma diferença na avaliação do Enade, malgrado não tão expressiva, entre as Pedagogias presenciais e a distância, procuramos constatar se existem motivos que vão além da qualidade dos cursos ofertados.

Partindo, então, do pressuposto de que poderia haver alguma relação entre essa distinção e as condições socioeconômicas das UF, tentamos estabelecer análises correlacionadas. No entanto, o PIB e a renda *per capita* não aparentam ter relação quantitativamente identificável sobre os resultados da avaliação nos cursos de Pedagogia investigados. Essa nossa hipótese tinha, como arcabouço teórico, discussões na área da educação, como a de Saviani (1989), Freire (1994; 1997) e Bourdieu (2014) que evidenciam a interdependência entre escola e sociedade. Isto é, as condições sociais maiores influem no sucesso ou no fracasso escolar. Mas os nossos dados não nos permitem essa inferência. Com efeito, a discrepância entre a quantidade de cursos avaliados nas modalidades presencial e a distância, tendo esta um número de licenciaturas significativamente inferior – mesmo que possua mais alunos por IES –, não pode ser ignorada na apreciação quantitativa. De qualquer modo, em face dos resultados, não podemos afirmar que existe alguma relação entre situação socioeconômica da UF e desempenho maior na EaD ou na educação presencial. Todavia, outras análises que caminhem nesse sentido não devem ser completamente descartadas.

Ainda com relação às médias do conceito Enade, partimos para uma comparação entre as regiões do Brasil. Assim como dissemos, calculou-se a média ponderada a partir das médias obtidas anteriormente em cada UF. O peso para o cálculo foi a quantidade de cursos avaliados nos respectivos estados e no DF. Por meio dessa análise, buscamos observar se, na análise em que as UF estão agrupadas por regiões é possível constatar discrepâncias importantes no que toca à Tabela 1. Os resultados foram quantificados e listados na Tabela 2, que segue o mesmo formato daquela que a precede.

Tabela 2 – Comparação entre as médias do conceito Enade nas diferentes UF (Pedagogia Presencial e a Distância)

Região	Média do Enade Pedagogia Presencial	Média do Enade Pedagogia a Distância	Diferença entre as médias
Sudeste	3,13	3,12	0,01
Sul	3,40	2,76	0,64
Nordeste	2,72	2,53	0,19
Norte	2,4	2	0,4
Centro-Oeste	2,74	2,55	0,19

Fonte: Autoria própria.

Comparando as médias por região, constatamos que a diferença é sempre inferior a 1 ponto. A menor distância entre os resultados das Pedagogias presenciais e a distância é percebida na

região Sudeste, com diferença média aproximada de apenas 0,01. Todavia, destaca-se que os cursos presenciais, nesse caso, possuem todos avaliação no Enade/2017 superior à da EaD. Obviamente, devemos ter em vista que a diferença entre as notas obtidas, quando comparadas as UF individualmente ou as regiões, não é expressiva a ponto de afirmarmos que as licenciaturas a distância têm discentes substancialmente menos preparados para o exame. Além disso, entendemos que esse instrumento de avaliação do ensino superior não é, *per se*, sinônimo cabal de qualidade, uma vez que outros fatores relevantes compõem as práticas e vivências das IES. Não estamos, pois, hipostasiando a análise a fim de ter, no Enade, o principal, ou mesmo único, critério para mensurar todo o ensino-aprendizagem de nível superior. Em que pese essas considerações, tem-se que os instrumentos de avaliação do Inep são importantes e proporcionam uma dimensão das IES brasileiras. Mais do que fazer afirmações incisivas, neste texto preocupamo-nos em desvelar pontos de interesse, problemáticas, inquietações e outros aspectos que podem servir de esteio a outras pesquisas. Assim sendo, como forma de aprofundar – mas não esgotar – a discussão, apresentamos, a seguir, os dados coletados com alguns estudantes de Pedagogia a distância. O público-alvo foram alunos que estão matriculados ou que terminaram o curso nos últimos 3 anos pela modalidade de EaD, porém, não enfocamos, necessariamente, aqueles que tenham realizado o Enade/2017. O objetivo foi identificar a situação dos cursistas nessa licenciatura de modo generalista, sem preocupação específica com a aplicação de uma das edições do exame de desempenho dos estudantes do ensino superior.

5 ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE ALUNOS DA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

Quais são alguns dos possíveis motivos que fazem as notas da Pedagogia a distância no Enade ser inferior na maioria das UF e em todas as regiões do País? Este foi o questionamento precípua que norteou a terceira parte da investigação. Para tentar levantar hipóteses, aplicamos um questionário com questões abertas e fechadas colimando perscrutar a própria percepção dos discentes com relação à qualidade do curso e no que tange às suas condições de estudos. Sobre o perfil dos participantes, teve-se predominância do sexo feminino (92,68%) com faixa etária modal de 35 a 39 anos (21,95%) seguida daqueles entre 25 e 29 anos (19,51%). Apenas 9,76% dos respondentes tinham menos de 24 anos. Concernentemente à UF em que residem, predominou, como era esperado, o estado de São Paulo, com 68,29% dos participantes. Quando questionados

sobre a categoria administrativa da instituição em que cursam Pedagogia, 56,10% afirmaram ser de administração pública estadual, enquanto 39,02% são oriundos de IES privadas. Apenas 1 participante (2,44%) indicou estudar em instituição pública municipal, enquanto outro (2,44%) afirmou não saber responder à pergunta.

No questionário, tomamos como base, dentre outras coisas, os estudos de Bourdieu (2014) sobre a violência simbólica que perpassa a educação formal. Utilizamos a hipótese de que, em muitos casos, os alunos ingressam na EaD não por escolha unicamente individual, mas devido às limitações que são socialmente impostas. Ou seja, a depender da classe e da instituição escolar de origem o sujeito se vê diante de algumas opções limitadas, mesmo que isso não seja percebido como imposição – daí o caráter simbólico da violência. Por meio das perguntas, tentamos desvelar indícios de que existe esse caráter impositivo socialmente dado que simbolicamente atribuí ao indivíduo a responsabilidade por seguir nos estudos de nível superior numa modalidade em vez doutra. Vejamos os resultados desses questionamentos nas Figuras 1 e 2.

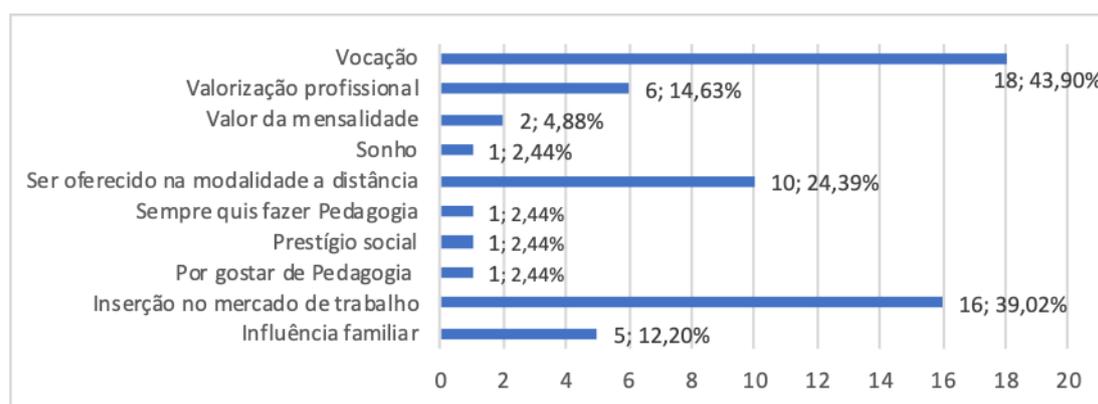


Figura 1 – Quais motivos te levaram a optar pelo curso de licenciatura em Pedagogia?⁴ Fonte: Autoria própria.

⁴ Na pergunta, os participantes poderiam assinalar mais de uma alternativa. Por isso, a soma dos valores não resulta em 41.

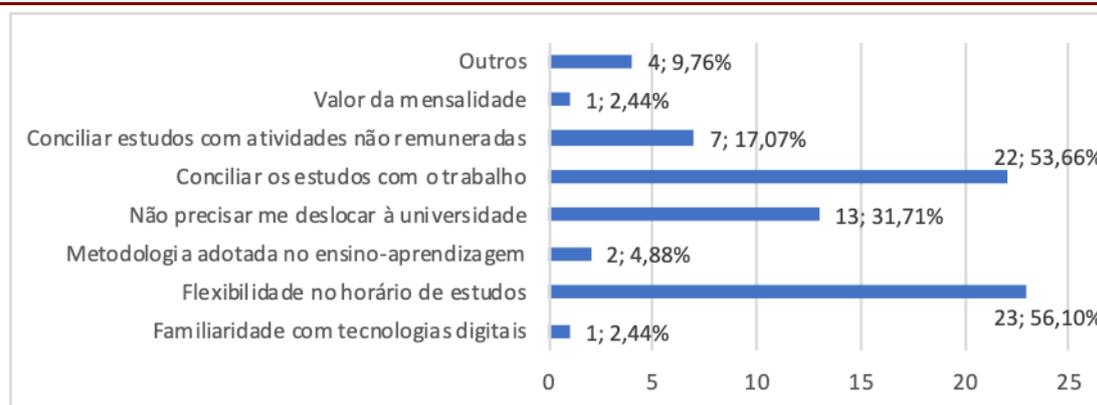


Figura 2 – Quais motivos te levaram a escolher a EaD?⁵ Fonte: Autoria própria.

Não obstante as limitações do nosso instrumento de coleta, que não nos permite aprofundar as análises – o que, talvez, seria possível mediante entrevistas ou outros dados qualitativos –, podemos levantar hipóteses que sugerem a escolha da EaD, em certos casos, mais como necessidade do que como opção racional. Vê-se que os discentes optam, frequentemente, pela Pedagogia por sentirem que é uma vocação (43,90%), ou mesmo por vislumbrarem possibilidade de inserção no mercado de trabalho (39,02%). Todavia, o fato de a licenciatura ser oferecida a distância aparece como terceiro principal motivo (24,39%). Isso se relaciona com a Figura 2, em que a flexibilidade no horário de estudos (56,10%) e a possibilidade de conciliar o curso com o trabalho (53,66%) foram assinaladas como as duas principais razões que levaram os estudantes a escolherem a EaD. Evidentemente, devido às especificidades intrínsecas à modalidade, é comum que os cursistas façam a escolha tendo em vista as flexibilidades de espaço e tempo que estudar a distância propicia. Mas se, ao nos debruçarmos sobre os dados, verificamos que a faixa etária predominante dos estudantes da EaD está acima de 24 anos, sendo muitos deles trabalhadores que, provavelmente como indica os dados do Inep (2017), contribuem para a renda familiar, a opção que, num primeiro olhar, aparenta uma liberdade individual pode, na verdade, relacionar-se à própria estrutura social maior. Para um sujeito que contribui com parte importante da renda, com horários de trabalho muitas vezes sem flexibilidade, ingressar num curso a distância, com mensalidade mais acessível, torna-se a única forma de seguir nos estudos em nível superior. Mais do que uma escolha racional em face das vantagens da EaD, podemos encontrar uma imposição que, justamente por ser simbólica, não é vista pelos sujeitos como violenta.

⁵ Na pergunta, os participantes poderiam assinalar mais de uma alternativa. Por isso, a soma dos valores não resulta em 41.

Estamos, é claro, levantando tão somente inquietações haja vista a perspectiva mais exploratória do artigo. Nossos dados, alicerçando-se em apreciações quantitativas, inviabilizam análises pormenorizadas, mormente quando estamos falando de violência simbólica. Porque esta, como discute Bourdieu (2014), é tida como legítima e não é percebida como violenta. Analisá-la demanda outros métodos de coleta, porquanto a construção da subjetividade dos indivíduos, imbuída de um *habitus* estruturado e estruturante, é intrincada e não facilmente inidentificável ante os dados que possuímos. Em todo caso, seguimos no levantamento de hipóteses que subjazem às diferenças nos resultados do Enade nos cursos de Pedagogia. Perguntamos aos alunos, no questionário, sobre os dispositivos que eles mais utilizam para estudar a distância. O resultado se encontra na Figura 3.

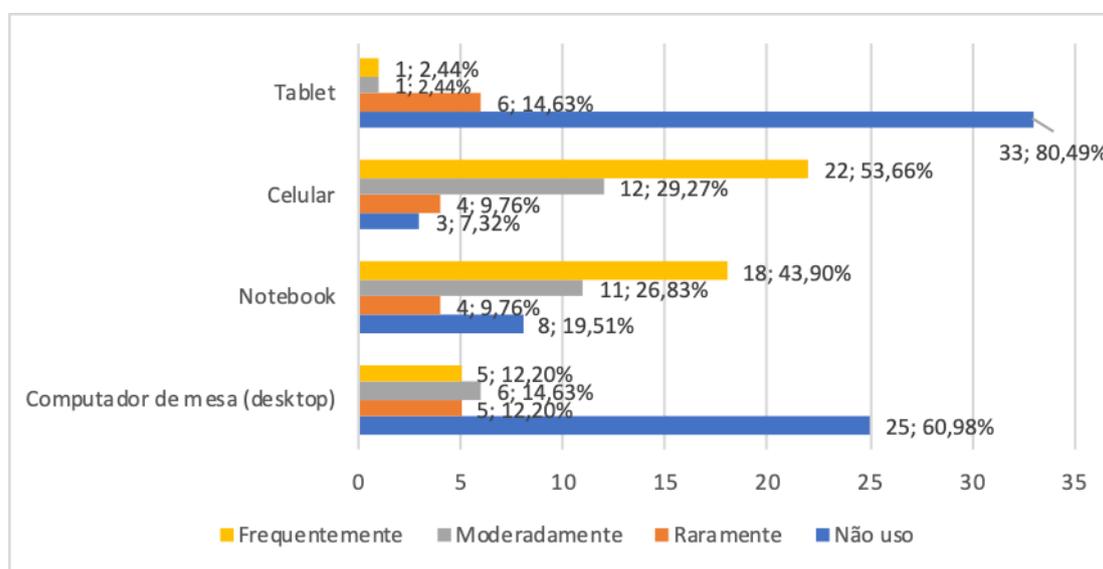


Figura 3 – Indique a frequência de uso nos seus estudos dos dispositivos abaixo relacionados.
Fonte: Autoria própria.

O celular, ou *smartphone*, é usado frequentemente nos estudos por 53,66% da amostragem, seguido do *notebook*, utilizado de modo frequente por 43,90% dos respondentes. Esse dado nos parece importante, uma vez que o dispositivo, para nós, pode incidir diretamente sobre a qualidade do ensino-aprendizagem. Schradie (2017), discutindo a desigualdade de classe nos espaços digitais, assevera que as disparidades não estão presentes apenas no acesso à internet, mas também na produção de conteúdo online. As publicações nas redes virtuais (em *blogs*, no YouTube, no Twitter etc.) marcam uma participação política mais ativa, autêntica e autônoma. Citando outros estudos,

Schradie (2017) afirma que a desigualdade na produção online tem que ver com graus educacionais e nível de fluência digital, porém, também se relaciona à quantidade de dispositivos que um indivíduo tem acesso e a necessidade de compartilhá-los com mais membros da família.

Nossas considerações visam à problematização da temática, pois não há como afirmar que os respondentes não tenham acesso a outros dispositivos ou mesmo que necessitem compartilhá-los com outros membros do núcleo familiar. Inclusive, não avaliamos níveis de fluência digital no questionário. Porém, a predominância do uso do celular deve ser considerada por pesquisadores. Tal como Schradie (2017) pontua, o dispositivo usado para acessar os ambientes virtuais têm relação com a forma de utilização desses espaços. *Smartphones* tendem a gerar alguns obstáculos para uma produção mais ativa nas redes digitais. Isso está relacionado à menor facilidade para digitação, às limitações no tamanho da própria tela do dispositivo, dentre outras coisas que sugerem que algumas tecnologias são mais propensas ao consumo do que à produção. Em âmbito educacional, esse aspecto coloca-nos a pensar se os cursos a distância têm priorizado um caráter mais conteudista (de consumo passivo) ou mais participativo, colaborativo, dialógico etc. (de produção ativa).

Seguindo na investigação, procuramos averiguar a percepção dos próprios estudantes no que toca à qualidade dos materiais oferecidos pelo curso. Também buscamos compreender como eles avaliam a experiência formativa nas IES em que estão matriculados. Os resultados desses questionamentos foram quantificados e estão presentes na Tabela 3 e nas Figuras 4 e 5.

Tabela 3 – Percepção dos respondentes sobre qualidade do material disponibilizado no curso e necessidade de buscar fontes complementares para os estudos

Dentre as opções abaixo, indique aquela que melhor corresponde à realidade:	
Os materiais disponibilizados pelo meu curso são suficientes e, por isso, não busco materiais complementares na internet.	8 (19,51%)
Os materiais disponibilizados pelo meu curso são muito bons, mas eu busco complementar com outros materiais na internet.	33 (80,49%)
Os materiais disponibilizados pelo meu curso NÃO são suficientes e, por isso, PRECISO buscar materiais complementares na internet.	0 (0,00%)

Fonte: Autoria própria.

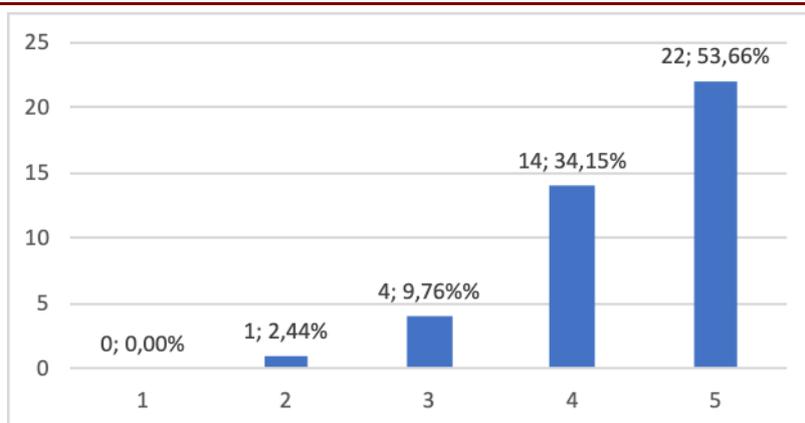


Figura 4 – De forma geral, como você avalia a qualidade do seu curso (1= péssimo; 5= excelente)?
Fonte: Autoria própria.

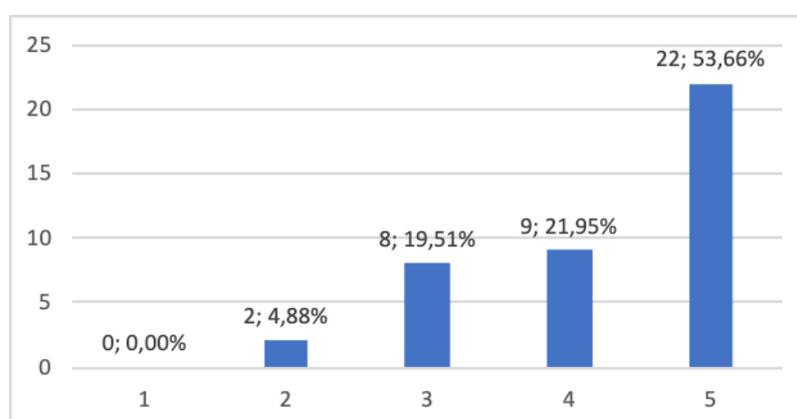


Figura 5 – De forma geral, como você avalia a experiência de estudar a distância (1= péssimo; 5= excelente)? Fonte: Autoria própria.

As respostas nos mostram que a maior parte dos respondentes (80,49%) considera os materiais disponibilizados pelo curso muito bons, mas buscam outros materiais complementares na internet. Além disso, 55,66% dos participantes do estudo avaliam como excelente a qualidade do curso e a experiência de estudar a distância. Também no questionário, perguntamos se eles, ao se depararem com tal oportunidade, mudariam a licenciatura em Pedagogia da modalidade a distância para a presencial. Constatamos que 75,61% não fariam essa mudança, ainda que tivessem a possibilidade. Por fim, mediante questão aberta, indagamos sobre as principais vantagens e/ou desvantagens percebidas na experiência de estudar a distância, sendo que a pergunta não era obrigatória. Os que optaram por respondê-la ratificaram as vantagens da EaD quanto à flexibilidade de tempo e espaço. Alguns salientaram que, apesar das qualidades, essa modalidade, devido à

distância física entre os envolvidos, dificulta o contato entre os pares, tanto para trocas que contribuem para a formação como também para a realização de trabalhos em grupo. As respostas dadas pelos participantes foram elencadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Aspectos positivos e/ou negativos da experiência de estudar a distância⁶

Se desejar, fale um pouco sobre a sua experiência de estudar a distância (cite aspectos positivos e negativos):
Minha experiência está sendo ótima. Nada a reclamar!
Estudar a distância me abriu um leque de novas oportunidades. Em contrapartida, o atendimento individual a cada aluno ainda precisa melhorar muito. O sistema de atendimento é muito falho.
Precisa muita dedicação, e às vezes você se sente um autodidata, pouco apoio, muita cobrança e pouco retorno.
Acreditava que o ensino presencial fosse muito melhor que o ensino a distância, porém, hoje, vivenciando o ensino a distância, mudei muito a minha opinião, pois o ensino a distância é muito bom para quem o leva a sério.
É bom porque você não precisa sair de casa pra estudar, porém, faz falta a sala de aula e a interação com os colegas e o professor ensinando.
Gostei e se tiver oportunidade estudarei novamente.
Positivos: ter a minha liberdade de estudar na hora que eu quero. Negativos: deixar acumular matéria.
Os aspectos positivos eu posso citar a flexibilidade de horário, pois podemos estudar no nosso tempo e espaço. O uso de tecnologias também é um ponto positivo ao possibilitar que desenvolvamos habilidades e competências tecnológicas. Outro fator importante é que aprendemos a ser autodatas e autônomos em nossos estudos. Os aspectos negativos eu posso citar a dependência da internet, pois pode nos deixar na mão, interferência de familiares durante os estudos.
Aspectos positivos são em relação à comodidade de fazer o próprio horário/agenda e a construção ativa do conhecimento produzido. Negativos acredito que são em relação à maior dificuldade de entrosamento entre alunos, devido à própria distância física que o EaD produz. E excesso de conteúdo, muitas vezes.
Minha experiência está sendo muito positiva. Cresci e me desenvolvo todos os dias em que estudo. Só sinto terem mudado a plataforma. Isso tem me causando muitos problemas em me comunicar com a faculdade e nos fórum. Antes era tudo bem mais fácil.
No meu caso é ótimo o estudo EaD. Porém, como fiquei muito tempo sem estudar, saber mexer em um computador me atrapalhou um pouco.
A modalidade EaD oferece a comodidade de não ser necessário a locomoção, porém, acho muito válido também o convívio com pessoas, através dos contatos estabelecidos na modalidade presencial. Não apreciei trabalho em grupo feito a distância, acho que limita extremamente a troca de ideias e as vivências, a percepção de afinidades com colegas. Apesar da conveniência, sinto falta de estabelecer vínculos que só são possíveis no presencial.

Fonte: Autoria própria.

Ora, o Quadro 1 demonstra que, no geral, os discentes estão satisfeitos com as especificidades da EaD, especialmente com relação à flexibilidade de espaço e tempo. Há, no entanto, algumas queixas, com especial atenção à ausência de contatos físicos, o que pode dificultar o estabelecimento de alguns laços e a realização de trabalhos em grupo, por exemplo. Também

⁶ Nas respostas, foram feitas pequenas alterações gramaticais e ortográficas com vistas a melhorar a inteligibilidade. Entretanto, o conteúdo foi mantido sem nenhuma alteração.

foram citados problemas referentes a questões técnicas e de acesso. Seja como for, parece-nos que, para a maior parte dos alunos, estudar a distância tem sido uma experiência agradável. Ao menos na percepção que têm de sua realidade, a Pedagogia na EaD atende às expectativas e, conseqüentemente, eles se manteriam na modalidade independentemente de terem a possibilidade de migrar para a educação presencial. Com efeito, há que se investigar em que medida a escolha da licenciatura a distância é, de fato, racional perante suas vantagens ou, em vez disso, uma imposição dadas as estruturas sociais maiores. Para nós, se a EaD exige um perfil de aluno que saiba lidar, por exemplo, com a autonomia e com tecnologias digitais, mas se, em contrapartida, os discentes que chegam à modalidade o fazem por falta de opção em vez de uma escolha racional, tem-se aí problemas que impactam na qualidade da aprendizagem e, conseqüentemente, podem resvalar nos resultados de exames como o Enade.

Aliás, o questionário sugere uma predominância no uso dos celulares quando dos estudos. Acreditamos, pois, que investigações enfocando as estratégias pedagógicas, as concepções filosóficas, as metodologias e outros elementos que estruturam o ensino-aprendizagem podem desvelar se, nesses cursos pela EaD, tem-se um processo mais calcado na transmissão de conteúdos ou se, ao contrário, verifica-se uma abordagem mais ativa. Não menos importante é, ainda, a pesquisa que busque mapear condições sociais maiores, no intuito de aclarar as relações que existem entre a instituição escolar e as desigualdades da própria sociedade. Quer dizer, torna-se preciso avaliar tanto as dimensões simbólicas como as materiais, buscando verificar de que forma elas se articulam e, assim sendo, influem no ensino-aprendizagem. Trata-se de investigações que transcendem os esforços destas páginas, mas que acreditamos ser importantes para estudos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, constatamos que, realmente, existe diferença na maioria das UF e, quando agrupadas, em todas as regiões do Brasil entre as médias do Enade para o curso de Pedagogia nas modalidades presencial e a distância. Contudo, deparamo-nos com o dado de que essa diferença não é, na maioria dos casos, maior do que 1 ponto se considerarmos a escala de 1 a 5 do conceito Enade. De qualquer maneira, como há essa diferença, procuramos levantar hipóteses para outras pesquisas a fim de identificar a qualidade dos cursos e as experiências formativas dos alunos que estudam na EaD. Recorreremos, para isso, aos dados coletados no questionário virtual e, muito embora não

tenhamos empreendido análises pormenorizadas, em razão do caráter exploratório da pesquisa, conseguimos levantar problematizações.

Primeiramente, não devemos desconsiderar o perfil dos estudantes que fazem a Pedagogia a distância. Tanto na avaliação do Inep como no questionário constatamos que há uma predominância de indivíduos com mais de 24 anos, sendo muitos deles trabalhadores e/ou pessoas que, possivelmente, já constituíram família. Isso certamente impacta na escolha pela EaD como pudemos observar, uma vez que, para muitos, o fato de o curso ser oferecido nessa modalidade é determinante. Além disso, a flexibilidade de espaço e tempo nos estudos é fundamental para os discentes. É claro que, devido às especificidades da EaD, é comum que os sujeitos optem pelo curso levando em conta o caráter flexível da modalidade. Porém, relacionando-se esse dado com o perfil dos alunos podemos problematizar a distinção que há entre escolher estudar a distância em razão das vantagens que isso proporciona ou, pelo contrário, deparar-se com uma gama limitada de opções tendo em vista as condições materiais que impingem à escolha pela EaD um caráter de imposição.

No questionário, inclusive, verificamos que é preponderante o uso dos celulares quando dos estudos. Entendemos que existe uma relação por vezes estreita entre o dispositivo e a forma de uso dos espaços virtuais. Será que os cursos na EaD são mais conteudistas ou estão se preocupando com abordagens ativas que promovem autonomia, diálogo, construção conjunta do conhecimento etc.? Estas e outras inquietações demandam pesquisas que podem contribuir para levantar hipóteses ou possíveis explicações para diferenças que, apesar de não tão expressivas em muitos casos, existem em avaliações nacionais como o Enade. Compreendemos as limitações e o caráter mais exploratório deste artigo e, justamente por isso, contentamo-nos em trazer problematizações que auxiliem outros pesquisadores. Temos consciência da limitação que o próprio Enade possui, quando considerado isoladamente, para evidenciar a qualidade de um curso ou de um processo formativo. No entanto, esperamos que as discussões ora empreendidas possam trazer nortes para outros pesquisadores e pesquisadoras que se interessam pela temática.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação e educação a distância na formação de professores. In: MILL, Daniel; PIMENTEL, Nara (Org.). **Educação a Distância: desafios contemporâneos**. São Carlos: EdUFSCar, 2013, p. 245-265.

BIELSCHOWSKY, C. E. Análise dos Resultados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) para Educação a Distância do ciclo 2015 a 2017. **EaD em Foco**, v. 8, n. 1, 31 out. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GRIBOSKI, C. M. O Enade como indutor da qualidade da educação superior. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, ano 53, v. 23, p. 178-195, 2012. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/ea/article/view/1920>>. Acesso em: 19 set. 2021.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Enade. **Relatório síntese: Pedagogia (licenciatura)**. 2017. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2017/Pedagogia_Licenciatura.pdf>. Acesso em: 11 set. 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MILL, Daniel. Gestão estratégica da educação a distância: constituição, complexidades e desafios. In: NEVES, Inajara de S. V.; CORRADI, Wagner; CASTRO, Carmem L. F. de (Org.). **EaD: diálogos, compartilhamentos, práticas e saberes**. Barbacena: Eduemg, 2016. p. 129-144.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada**. Tradução de Robert Galman. 2. ed. São Paulo: Thomson, 2007.

NETO, Vicente Batista dos Santos; BORGES, Maria Célia Educação a distância no Brasil: a regulamentação como falácia da democratização e acesso ao ensino superior de qualidade. *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 9, n. 1, p. 53-72, 15 maio 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/54796>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

NEVES, Inajara de S. V. Diálogos sobre EaD e práticas pedagógicas. In: NEVES, Inajara de S. V.; CORRADI, W.; CASTRO, Carmem L. F. de (Org.). **EaD: diálogos, compartilhamentos, práticas e saberes**. Barbacena: Eduemg, 2016, p. 15-24.

SAVIANI, Saviani. **Escola e democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.

SCHRADIE, Jen. Ideologia do Vale do Silício e desigualdades de classe: um imposto virtual em relação à política digital. **Parágrafo**, v.5(1), p.85-99, jan/jun. 2017.

Recebido em: 04/04/2021 / Aprovado em: 05/06/2021